

A psicoterapeuta em formação frente à experiência da observação da relação mãe-bebê: (re)vivências emocionais

CAMILA DE LUCENA IOTTI¹
NATÁLIA GAMBOGI RODRIGUES²

RESUMO: O presente trabalho se propôs a investigar possíveis implicações técnicas e subjetivas de uma atividade de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB) para a psicoterapeuta em formação. O caso utilizado para este trabalho foi acompanhado por aproximadamente 10 meses pelo método de observação de bebês proposto por Esther Bick, modificado, em um estágio curricular de Psicologia Clínica. Para isso, utilizou-se da Análise de Conteúdo Temática dos relatos feitos após as observações, criando-se duas categorias de análise: (1) Ambiente-Bebê; (2) Sentimentos Despertados. Em suma, é possível afirmar que a vivência de uma ORMB favorece o desenvolvimento das capacidades analíticas, ao mesmo tempo em que auxilia no fortalecimento emocional da aluna em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Observação Mãe-Bebê; Desenvolvimento Infantil; Formação Psicanalítica.

The psychotherapist in training in the experience of the observation of the mother-baby relationship: emotional revivences

ABSTRACT: This paper aimed to investigate possible technical and subjective implications of a Mother-Baby Relationship Observation (MBRO) activity for the psychotherapist in training. The case used for this study was followed for approximately 10 months through the method of infant observation proposed by Esther Bick, modified, in a curricular internship of Clinical Psychology. For this, it was used the Thematic Content Analysis of the reports after the observations, creating three categories of analysis: (1) Environment-Baby (2) Awakened feelings. In short, it is possible to state that the experience of an MBRO improves the development of analytical skills while at the same time helps in the emotional strengthening of the student in formation.

KEYWORDS: Mother-Baby Observation; Child Development; Psychoanalytic Training.

1 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), durante a escrita deste artigo foi estagiária de Psicologia Clínica do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP).

2 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Psicoterapeuta formada pelo Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP).

Introdução

Freud (1926/1976), em seu texto “A questão da análise leiga”, apresenta conceitos essenciais para a formação psicanalítica, conhecidos como o tripé básico de todo analista: análise pessoal, supervisão e estudos teóricos. A partir dele, nasce a importância em tornar a formação psicanalítica por si só analítica, considerando a epistemologia do *ofício* também nos futuros profissionais, reforçando que o aprendizado ocorre por meio da experiência e não somente de forma intelectual (Ferraz, 2014). Dessa forma, o futuro psicanalista precisa não só dos domínios técnicos e teóricos, mas também do aprimoramento do “tato”, de “sentir com” (*Einfühlung*). É possível falar então de uma oscilação perpétua entre “sentir com” e auto-observação (Ferenczi, 1928/2003).

Pensando em como preparar analistas em formação para que desenvolvessem as devidas habilidades e capacidades, Esther Bick, em 1948, criou o método de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB). A ideia inicial do método de ensino era de promover aos psicoterapeutas em formação uma vivência relacionada ao desenvolvimento do bebê e a como ocorriam as experiências infantis *in loco* (Bick, 1967). Com o aprimoramento do método, além de desenvolver habilidades que Bick acreditava serem necessárias a todos os psicanalistas, como a compreensão da comunicação não verbal e a importância do papel de observador e suas atitudes conscientes e inconscientes (Sanchez, 1983), ressalta-se a importância da vivência primitiva do vínculo mãe³-bebê por parte do psicoterapeuta em formação. Unir a capacidade de auto-observação, essencial ao trabalho analítico, com a compreensão de vivências primárias, torna a ORMB capaz de favorecer as capacidades analíticas (Thormann, 2009).

A área de estudos da interação pais-bebê e do desenvolvimento infantil tem um amplo campo de teorias e de pesquisas preocupadas não só em entender fenômenos inconscientes da díade (ou tríade), como os estudos de Melanie Klein, Donald Winnicott, Margaret Mahler e René Spitz, mas também com o objetivo de fundamentar a importância da experiência como forma de educação e de transmissão da psicanálise (Wendland, 2001). Klein (1952/1986), considerada a precursora da observação de bebês, em seu artigo “Sobre a observação do comportamento de bebês”, conclui que, ao observar um bebê em ambiente familiar, abre-se a oportunidade de obter conhecimentos relacionados à vida emocional primitiva, bem como as possibilidades do desenvolvimento psíquico emergente (Caron, 2000).

Similarmente, Winnicott voltou sua atenção para o vínculo materno-infantil pré e pós-nascimento, dando importância a este tema em diversas

³ Para a leitura deste trabalho, optou-se por ampliar o conceito de ‘mãe’ ao objeto que executa o cuidado primário com o bebê, exercendo assim uma função materna não restrita a um gênero ou a uma função biologicamente designada.

obras. Ele utilizou da observação de bebês com seus objetos primários para criar importantes conceitos da teoria psicanalítica, compreendendo o desenvolvimento humano a partir desta relação (Silva, 2016). Portanto, a história e os desdobramentos da psicanálise estiveram sempre associados ao acompanhamento da dupla mãe-bebê por meio de observações.

A ORMB é um método cuja técnica consiste na realização de visitas, com duração de uma hora, na casa de uma díade mãe-bebê recém-nascida. É proposto que o observador em formação possa vivenciar de uma maneira não interventiva aspectos da relação mãe-bebê. Esse método está ancorado nos principais pressupostos da psicanálise, tais como: inconsciente, transferência, contratransferência, atenção flutuante (Menegotto et al., 2010) e continência. Para tal, o observador tem papel chave, pois ao mesmo tempo em que não deve interferir, ele faz parte dos processos subjetivos (Caron, 1995). Após cada observação, redige-se um relato com o máximo de detalhes e de sentimentos oriundos do observador, de uma maneira livre, para ser discutido em supervisão.

O objetivo desse método de observação é compreender o desenvolvimento da relação entre o bebê e o ambiente em que está inserido, bem como de procurar entender aspectos inconscientes do comportamento, dos padrões de comunicação estabelecidos e dos sentimentos suscitados no decorrer da observação. No método proposto por Bick, a observação tem duração de dois anos, com frequência semanal no primeiro ano e quinzenal no segundo (Caron, 2000). Entretanto, no modelo do estágio de clínica realizado no ESIPP, aqui tomado como referência, essa configuração é adaptada e as observações ocorrem semanalmente e somente durante o ano referente ao período de estágio.

Este artigo se propôs a descrever e a articular teoricamente vinhetas de uma observação realizada durante o estágio curricular, vivência que teve suas repercussões levadas para o tratamento pessoal da terapeuta, além de ter sido um importante espaço de manejo técnico. Por fim, toma-se aqui a formação psicanalítica em seu sentido mais amplo, iniciando pela construção do desejo e pelas práticas de estágios da graduação.

Método

As observações feitas foram relatadas conforme o método proposto por Bick – modificado – que sugere uma escrita detalhista, livre em associações e sem julgamentos. Tais relatos serviram de instrumento de análise para investigar as possíveis implicações técnicas e subjetivas da psicoterapeuta em formação. Foram pré-analisados 17 relatos e seis deles foram utilizados para a construção deste trabalho. As análises se deram via Análise de Conteúdo Temática, que objetiva que o pesquisador compreenda carac-

terísticas e estruturas de sentido da comunicação, de modo que sua ausência, presença ou frequência tenha significado para o objeto em referência (Minayo, 2010). Ainda, envolve a obtenção de dados descritivos pelo contato direto do pesquisador com o objeto de pesquisa, procurando investigar os fenômenos por meio da aproximação com participantes (Godoy, 1995).

O presente estudo também seguiu as três etapas de operacionalização propostas para esse tipo de análise: (a) Pré-análise: após a leitura dos relatos das observações, selecionou-se eixos temáticos em comum; (b) Exploração do material: uma vez criados os eixos temáticos, explorou-se recortes representativos e suas interlocuções com o objetivo do estudo; (c) Tratamento e interpretação dos resultados: os recortes foram apresentados e discutidos em cada eixo temático com base no suporte teórico.

Para tal, criou-se duas categorias de análise: (1) Ambiente-Bebê; e (2) Sentimentos despertados; explicadas na Tabela 1:

Tabela 1

Cateogrias de análise

EIXO TEMÁTICO	CARACTERIZAÇÃO
Ambiente-Bebê	A partir das observações, através do método Bick, criam-se condições frutíferas para o estudo sistemático da técnica e da teoria psicanalítica. Como um dos pilares do método proposto por Bick é a vivência direta do desenvolvimento psíquico de um bebê recém nascido, torna-se indispensável a análise do vínculo estabelecido entre o cuidador e o bebê. Para tal análise, utiliza-se da noção de ambiente proposta por Winnicott, como possíveis condições facilitadoras ou dificultadoras existentes no meio em que o bebê está inserido, bem como entre a relação que se estabelece. Utilizou-se recortes de três relatos que possuísem fenômenos próprios da relação mãe/ambiente-bebê.
Sentimentos Despertados	Uma das principais razões que faz com que o método Bick de observação de bebês seja tradicionalmente utilizado em formações de futuros psicoterapeutas e analistas é o poder de impacto e de transformação subjetiva. Os sentimentos contratransferenciais despertados no observador tornam a atividade um verdadeiro exercício que promove o desenvolvimento de um arsenal técnico singular, calcado na experiência individual e na partilha de sensações, lembranças, angústias e conflitos promovida pela supervisão. Utilizou-se recortes de três relatos que foram discutidos em supervisão e que também foram vividos com uma maior carga afetiva.

As observações ocorreram na casa da família e na casa da avó materna. A família nuclear era composta pelos pais (esposa e marido), uma irmã de três anos e a bebê recém-nascida. Tais relatos serão discutidos e analisados na primeira pessoa, de maneira pessoal, uma vez que um dos efeitos da atividade consiste em justamente possibilitar que o terapeuta olhe para si mesmo. Todos os nomes e dados que sugerissem qualquer identificação foram alterados para a escrita deste trabalho.

Discussão

Ambiente-Bebê

A chegada de um filho inaugura não só uma configuração familiar, mas também demanda novos papéis. Com o nascimento de um bebê, espera-se também o nascimento de um cuidador que esteja disponível para dar vida e suporte psíquico para o desenvolvimento desse novo ser. Para Winnicott (1965/1983), compreender o crescimento emocional de um bebê depende também da compreensão do crescimento emocional de quem o cuida. Para ele, falar em maternagem é discursar sobre a possibilidade de um ambiente suficientemente bom, de condições facilitadoras, sejam elas físicas ou psicológicas, que atendam às necessidades específicas do recém-nascido (Araújo, 2007). É falar sobre a capacidade psíquica de se ocupar da construção de um outro.

A relação da díade mãe-bebê inicia muito antes do nascimento. Uma gama de expectativas e desejos já está posta durante a gestação, e modificações externas e internas acontecem na mulher. Uma dessas modificações é a regressão emocional que pode ser vivida pela mãe, o que Winnicott (1956/2000) chamou de Preocupação Materna Primária. Essa condição torna possível que a mãe se coloque na pele do bebê, compreendendo suas necessidades via mecanismos inconscientes próprios da díade, como "dois em um", experiência que é vivida por meio da singularidade do encontro da dupla.

Em minha sétima observação, a bebê, Helena, tinha 2 meses e 19 dias, e estávamos eu, a mãe, que chamarei de Vanessa, e a bebê em casa. Vanessa estava no andar de cima da casa e Helena, que estava em seu bebê-conforto ao meu lado no sofá, começa a chorar, e eu escuto um "já vai". Logo Vanessa aparece e olha para Helena:

"Helena para de chorar e olha atentamente para Vanessa, chuta sua cobertinha que cai no chão e percebo que Helena mexe as mãos e os pés com entusiasmo. Tenho a impressão de Helena ter ficado muito contente e surpresa com a visão da mãe. Vanessa tira Helena de seu bebê-conforto e a coloca no colo. (...) Vanessa balança a filha e conversa com ela, acariciando suas bochechas e seu nariz. Helena presta muita atenção em Vanessa e, por alguns instantes, segura sua mãozinha em seu dedo. Tenho uma sensação de ternura com essa cena,

e fica claro que Helena está mais relaxada. (...) Ela a coloca deitada contra sua barriga, fazendo carinho e apoiando o pescoço na cabeça da filha, “encaixando-a”. Não demora muito e Helena pega no sono.”

Esse investimento, que sustenta e acolhe, chamado de *holding* (Winnicott, 1965/1983), é de suma importância na integração saudável do psiquismo do bebê. Tal aspecto fica visível nas reações do bebê e na minha contra-transferência enquanto observadora. As sensações de ternura, acompanhadas das respostas fisiológicas do bebê, como a pausa no choro até o cair no sono, são fenômenos suscitados pelos ritmos e movimentos que ocorrem pela via do corpo, do toque. Pontalis (1991, p. 117) coloca que “mãe” é “um banho de palavras, olhares, sorrisos, contatos, braços que amparam – o que se chama, na falta de melhor coisa, ambiente”, função que garante que o bebê venha a ser em um mundo que lhe é apresentado de uma forma segura.

Esses fenômenos também são vistos na oitava observação, em que Helena tinha três meses e seis dias. Vanessa estava sentada à mesa lendo, e Helena estava ao meu lado no sofá, em seu bebê-conforto:

“Helena começa a emitir sons e faz algumas caretas mais “sérias”. Vejo que ela começa a vomitar. A mãe diz que já vai e continua lendo. Helena parece mais incomodada, e seus sons ficam mais altos, mas não vira um choro. Vanessa levanta e se agacha novamente ao lado da filha, limpando sua boca e tirando o bico que havia caído. Percebo que Helena começa a se movimentar mais, mexendo com mais rapidez suas perninhas, olhando atentamente para a mãe.

Então Vanessa pega a filha no colo e se senta ao meu lado, embalando Helena, que coloca a sua mãozinha no pescoço da mãe. (...) Helena se acalma em questão de instantes, recebendo beijinhos e carinhos em sua face e sorrisos da mãe. Ela (bebê) logo pega no sono e parece estar tranquila.”

Ambos os recortes exemplificam não só as formas de comunicação, mas a importância da corporeidade na experiência primária, construção que se dá através de encontros singulares (Borges, 2019), com dificuldades e acertos únicos da dupla Vanessa-Helena. Percebe-se como elas vão conhecendo o ritmo de cada uma e construindo uma unidade, para que, posteriormente, haja a individualização dessa bebê. Uma das particularidades que mais chamou atenção no vínculo dessa díade foi o processo de reconhecimento do objeto, a conexão entre mãe e filha. Segal (1975), ao falar de Melanie Klein e da Posição Depressiva, diz que é notável aos outros a percepção da mudança que ocorre no bebê ao reconhecer sua mãe. Procurar pela voz quando esta fala, sorrir ao ver o rosto da mãe, explorá-la com a boca como se fosse “devorá-la” e ser acalmada pelo colo e pelas falas foram cenas progressivamente vistas na grande maioria das observações realizadas.

Além disso, é possível pensar na minha presença como uma alteração do ambiente, ora facilitadora ora desafiadora, movimento semelhante a esse descontínuo-contínuo movimento entre cuidador-bebê. Na quinta observação, esse ritmo ficou mais aparente. Estávamos eu, Vanessa e Helena em casa.

Nesse dia em questão, sento-me distante das duas, como forma de tentar observar melhor. Fico em uma cadeira de costas à porta, que estava aberta e deixava entrar um vento frio. Percebo que a minha troca de lugar – pois costumava me sentar junto a elas no sofá – repercute na interação mãe-bebê:

“Ela pega o bebê no colo e se senta no sofá. Tenho a impressão (talvez por estar mais distante) de que Vanessa está um pouco mais atrapalhada ao dar o mama. Ela segura Helena de uma maneira “estranha”, como não costuma fazer. Sua cabeça pende para o lado, e ela (mãe) não segura, ficando o bebê em uma posição mais horizontal. Helena constantemente mama e logo larga o seio. (...) Vanessa tem uma expressão mais séria do que de costume, e tem feições de preocupação. Helena parece estar desconfortável, pois emite sons de choro.

Vanessa, depois de algum tempo, desiste de amamentar Helena e vai até a cozinha. Quando ela volta se dirige a mim:

V – *Senta aqui, (apontando para o sofá) aí está muito frio. Vou fechar essa porta.*

C – *Tá bem.*

Sento ao lado dela e vejo que Vanessa não tem mais dificuldade em segurar Helena. A expressão preocupada do seu rosto sumiu, e agora ela dá “beijinhos” e chama Helena de “preguiçosa”. (...) Helena arrotta e vejo que as duas estão muito conectadas nesse balanço. Vanessa olha com o olhar “longe” para a TV e Helena vai aos poucos fechando os olhos. É uma cena muito bonita, pois Helena está acomodada no busto de Vanessa, que envolve ela com uma cobertinha”.

Estando presente nas observações, pude ser testemunha de um paulatino “ajustamento” no compasso dessa nova relação com o bebê, mas também da mãe consigo mesma. Imagino que a minha presença, mesmo que só no papel de observadora, pôde vir a ter importante repercussão inconsciente, uma vez que sou uma mulher que, durante um ano, se mostra disponível para acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da díade. Nesse trecho, senti que minha distância havia gerado certo atrapalhamento em Vanessa, pois estava acostumada com a minha “proximidade”. A distância-frio que se estabeleceu entre nós quando me mantive longe foi interrompida pela aproximação-calor do convite dela, talvez sendo possível associar tais movimentações como uma forma de cuidado que Vanessa foi, aos poucos, direcionando a mim. Essa flexibilidade cuidadosa entre “proximidade” e a manutenção do papel de observadora, permitiu um clima de harmonia e companheirismo, em que mesmo sem trocas faladas, ainda simbolizava a presença de alguém/algo que estava ali para estar com elas (mãe-bebê).

Logo, torna-se plausível pensar na significação subjetiva que pode ser dada ao papel de observadora, como uma possibilidade de auxiliar no desenvolvimento e organização de um ambiente suficientemente bom para a díade. Claro que esse último fator é algo que não depende somente de boas intenções, uma vez que também é da ordem simbólica, imaginária e relacional de cada um.

Sentimentos Despertados

Entende-se que uma das principais razões que faz com que o método Bick de observação de bebês seja tradicionalmente utilizado em formações de futuros psicoterapeutas e analistas é o exercício da abstinência e da vivência contratransferencial, por vezes intensa. Nesse caso, inúmeras questões subjetivas me envolveram, e algumas delas puderam ser discutidas em supervisão e vistas em meu tratamento pessoal, auxiliando não só na reflexão do grupo, mas potencializando meu processo de recordação e de elaboração.

Nas primeiras observações, senti que havia um estranhamento que vinha de mim, mas também da mãe. Ao lembrar, penso que não poderia ser de outra forma, uma vez que foi um momento de intensas inaugurações. Além do nascimento da segunda filha e de todas as mudanças que isso acarreta, eu e ela, por meio da atividade, também estávamos a construir um ritmo dual. Com o passar das observações, fui me sentindo aceita no meio familiar e conquistando um espaço que sentia como "legítimo". Pude ser testemunha de que "apenas" o olhar, a presença e a constância fizeram a diferença no meio em que eu estava inserida. A posição inversa também se mostrou verdadeira, uma vez que "apenas" o olhar, a presença e a constância de observar a relação mãe-bebê fez uma grande diferença em mim. Entendo que estar nesse lugar, sob determinadas circunstâncias, serviu como uma costura entre os tempos em que eu prestava visitas não só àquela díade, mas que, sem me dar conta, fui convidada a reescrever algumas memórias.

Sobre isso, ainda na quinta observação, em que Helena estava com 1 mês e 19 dias, em um dia chuvoso e frio, Vanessa me ofereceu chás e bolo, que gentilmente recusei. Me sento em uma cadeira distante das duas, e, após um tempo, Vanessa me convida para sentar ao lado dela e eu aceito. O sofá estava cheio de cobertas e na TV estava passando o filme "O Pequeno Príncipe", que é uma das minhas histórias prediletas. Helena havia acabado de mamar e Vanessa a deixara enrolada nas cobertas em cima do sofá ao meu lado. Ela sai e fico observando a bebê, que sorri enquanto dorme:

"Enquanto isso, a cena do filme O Pequeno Príncipe me chama atenção e divido o olhar entre Helena e a TV. A cena que está passando é sobre uma menina que "resgata" o Pequeno Príncipe adulto e o leva de volta para seu planeta e para sua "rosa", e ele volta a ser criança outra vez. No diálogo do filme, eles conversam sobre crescer, se tornar adulto e o medo que perder a infância gera. Olhando para Helena no sono tranquilo, volto meus pensamentos para minha infância. Imagino como Helena será quando tiver a minha idade. Fico nesses momentos de reflexão até a minha hora de ir".

Esse trecho revela o quanto a atividade em si repercutia no meu imaginário, de uma forma afetiva e contemplativa. Com o passar do tempo, desenvolvi afeto e carinho por Helena e, em alguns momentos, ansiava por chegar ao final do ano para poder finalmente interagir livremente com ela.

Graças ao tripé analítico, pude ir me dando conta dos sentimentos contra-transferenciais que Helena e sua família causavam em mim, aprendendo cada vez mais a me manter no papel de observadora. Manter essa postura foi, por muitas vezes, um desafio, pois sentia que existia uma expectativa da família em poder me conhecer melhor e fazer com que eu me sentisse bem recebida, como uma amiga. Também existia em mim essa vontade de ser bem vinda naquele meio, alinhada ao agradecimento que eu sentia pelo aceite da minha presença durante a atividade.

Especialmente nos primeiros meses, me vi tateando no desconhecido, tentando encontrar os limites entre aquilo que era meu e aquilo que me fora oferecido, buscando entender como existir naquela relação, assim como o bebê recém-nascido que eu estava a observar. Graças às identificações projetivas, em muitos momentos senti aquilo que Helena sentia: sono, fome, calma e desconforto, possibilitados também pela existência de um espaço psíquico livre. Foi por meio desse "espaço", que pude fantasiar sobre Helena adulta, projetando nela resquícios que ao longo da atividade fui encontrando em/de mim.

Ao mesmo tempo, poder suportar viver a falta de um sentido imediato demandou uma atitude de espera, permeada de "não-saber". Paralelamente, na clínica, sabe-se da importância na capacidade do analista em lidar com o não-saber, a fim de que seja possível acompanhar o paciente sem precipitar interpretações. Aos poucos, esse desconhecido que inicialmente me era ansiogênico, foi se transformando em uma aposta na atividade.

Na oitava observação, testei uma das grandes qualidades técnicas necessárias para qualquer psicanalista, a abstinência. Helena estava com 3 meses e 6 dias, e estávamos no mês de julho, momento em que eu havia tirado uma semana de férias, não comentando com a família:

"Me sinto contente em estar ali, pois fazia duas semanas que não via Helena. Sinto que Vanessa também está feliz em me ver.

V – *Oi, tudo bem?*

C – *Oi, tudo bem! Quanto tempo.*

V – *É verdade, né? Tu estava viajando?*

C – *Sim, tirei uns dias... (me sinto envergonhada de tocar no assunto).*

Vanessa me faz uma série de perguntas, as quais tento responder o mínimo possível, mas me sinto bastante apreensiva.

V – *Então tu chegou a pegar praia? Não parece.*

C – *É... (digo sem jeito).*

V – *E onde tu ficou lá?*

Antes que eu respondesse, Helena começa a fazer sons de desconforto e Vanessa prontamente levanta da cadeira e fica ao lado da filha (...). Eu me sinto aliviada porque não queria continuar conversando sobre a minha viagem".

Frente a muitos questionamentos, percebe-se uma linha tênue para manter ou sair do papel de observadora. Conter a expectativa de aproxima-

mação da família e as nossas próprias ansiedades é um exercício recorrente presente nessa observação, principalmente pelo sentimento de “dever” à família, já que é muito comum experienciar que a mãe ou o cuidador estão fazendo um “favor” aos observadores (Farias, 1988). Durante a vivência da observação, a abstinência é constantemente exercitada, visto que é preciso manter uma escuta-postura de observadora e ainda assim manejar aproximações possíveis, fato que pode parecer mais fácil dentro de um *setting* clínico concreto, como nos consultórios. O exercício ocorre na tentativa de ir dando consistência a um *setting* interno por parte da observadora, possibilitando o contato com habilidades extremamente importantes no trabalho clínico (Caron & Lopes, 2014).

Com o intuito de dar conta do surgimento de angústias vindas desse lugar de “não saber” em que o observador se encontra, sustenta-se a importância das supervisões, dos seminários e da análise pessoal de cada um (Farias & Tucherhmann, 1988; Flores & Thormann, 2010). Caron (2000) ressalta que essa posição de não saber proporciona ao aluno dar a sua própria versão dos acontecimentos observados, podendo assim, como um “aluno-bebê”, observar a si mesmo.

Nesse sentido, algumas observações foram feitas na casa da avó materna após a volta ao trabalho de Vanessa. No início dessa mudança, senti que a atividade poderia ser prejudicada, pois achava extremamente rico acompanhar a dupla Vanessa-Helena. Eu me vi em um novo endereço, com uma nova pessoa que também iria inaugurar um ritmo comigo, no sentido de compreender a minha postura de observadora. Eu me vi novamente “na pele” de Helena. Esse (re)início veio acompanhado de resistências, ora pela via da identificação com o bebê, ora por conta do meu momento de vida fora da atividade. Quando pude olhar a fundo as dores que se faziam presentes nesses movimentos de resistência, também fui capaz de enxergar a beleza que fazia daquela atividade algo tão importante para mim. Na décima terceira observação, primeira com a avó Marta, Helena estava com 4 meses e 17 dias. Em um dado momento, a avó alimenta Helena com a mamadeira. Elas estavam sentadas no sofá e eu estava ao lado delas:

“Então a avó a pega no colo e a deita, e vejo que Helena segura em um dedinho da avó, que por sua vez, balança-a e sussurra para ela alguma melodia. Nesse instante, sou invadida por uma onda de ternura muito grande e meus olhos ficam marejados de lágrimas. Olhando aquela cena, penso em minha falecida avó paterna, e em como aquele ambiente (casa aconchegante, cheia de vida, comidas gostosas) era familiar. Acho um momento lindo, especialmente porque as duas estão contra a luz, o que causa um brilho natural e me enche de saudade da minha infância e da casa de minha avó. Fico pensando no amor de avós aos seus netos e sinto gratidão por ver que Helena tem em sua vida essa possibilidade de inscrição psíquica. Helena termina a mamadeira e dorme nos braços da avó”.

Essa observação recebeu especial atenção em minha vida, sendo um assunto bastante trabalhado no meu tratamento pessoal. Durante esse ano, meu avô materno, pessoa com um significado muito especial durante toda minha vida, estava passando por um processo de adoecimento grave, cujos cuidados participei ativamente. Esse fato causou uma maior sensibilidade aos afetos recebidos, trazendo à tona lembranças da minha infância que também se tornavam dolorosas, frente ao medo de perder aquele que constituía de uma forma tão bonita as mesmas lembranças. Foi pelo tratamento pessoal que consegui fazer essa abertura à minha própria história e à ressignificação da mesma, o que também permitiu que eu pudesse sentir e elaborar situações genuinamente humanas e complementares, vividas, naquele ano, em contextos diferentes: o despertar da vida de Helena e o findar da vida de meu avô.

Caron (2000), em seu livro "Relação Pais-Bebê", conclui que "o aproveitamento das experiências vividas pela ORMB dependerá do grau de envolvimento emocional e afetivo que cada observador for capaz" (Caron, 2000, p. 41). Logo, é fundamental marcar a importância do tripé analítico não só como forma de proporcionar melhores resultados na clínica, mas também de abrir espaço para uma vivência genuína e proveitosa como a ORMB, deixando-se envolver nesse evento de intensas (re)vivências.

Considerações finais

Diante das observações apresentadas no presente artigo, em que se buscou tecer uma breve contextualização situacional e teórica, foi possível vislumbrar a riqueza da atividade para a formação técnica do psicanalista, bem como para o fortalecimento emocional deste. A construção do *setting* interno, o encontro com a imprevisibilidade do não saber e a vivência intensa de identificações e sentimentos contratransferenciais despertados na observadora são alguns dos benefícios encontrados no final de uma ORMB. Além disso, entrar em contato com o mundo primitivo do bebê e com as relações primevas de objeto no próprio ambiente, onde tudo se desenvolve, auxilia no processo de repensar não só as práticas clínicas, mas também as próprias vivências enquanto sujeito.

Oportunizar que haja espaço para tal vivência dentro da formação de psicoterapeutas gera ganhos técnicos e teóricos, sendo uma forma única de transmissão da psicanálise. O "aluno-bebê" tem a oportunidade de criar ferramentas internas para seu trabalho clínico, ao mesmo tempo em que entra em contato com sua própria realidade psíquica. Esse contato é trazido à tona durante as supervisões e também no tratamento pessoal de cada aluno em formação.

Ao "sentirmos com", como propôs Ferenczi (1928/2003), estaremos em um constante movimento de escuta: ora escutando o paciente e ora escutando o

que temos a dizer sobre nós mesmos. Ao propor refletir sobre o psicoterapeuta em formação frente a uma ORMB, tentei resgatar aspectos que podem ser comuns a todos os psicanalistas, que, independente de experiência, técnica e excelência, sobretudo, se encontram em um permanente aprendizado.

Por fim, ter um espaço em que é possível se despir, parar e revisitar geografias psíquicas próprias, também é uma forma de afirmar a qualidade humana do psicanalista. É possível pensar que, assim como Helena, o estudante em formação precisa de um objeto em que possa confiar suas angústias, necessidades e sonhos, recebendo o suporte necessário para continuar se desenvolvendo. Cabe a mãe-analista-instituição captar e auxiliar seu bebê-analisando-aluno nesse processo, ora satisfatório, ora frustrante, mas de contínuas surpresas e transformações.

Referências

- Araújo, C. A. S. (2007). *Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Bick, E. (1967). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Revista Psiconálisis, APA*, 24(1), 97-115.
- Borensztein, C. L. (2001). A Importância da Observação de Bebês para a Formação de Psicanalistas. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 3(1), 89-99.
- Borges, H. (2019). *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Caron, N. A. (1995). Fundamentos teóricos para a aplicação do método de E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 283-291.
- Caron, N. A. (Org). (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Caron, N. A., & Lopes, R. C. (2014). *Aprendendo com as mães e os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica*. Porto Alegre: Dublinense.
- Farias, E. P., & Tucherman, S. E. (1988). A observação da Relação Mãe-Bebê e a Formação Analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 22(1), 595-609.
- Ferenczi, S. (2003). *Recordar, Repetir, Elaborar: Elasticidade da Técnica Psicanalítica*, *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 25, 95-106. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferraz, F. C. (2014). Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 87-102.
- Flores, G., & Thormann, L. (2010). A importância e o significado da observação da relação mãe-bebê na formação psicanalítica. In V. F. Souto. (Org). *Formação psicanalítica: fatos e versões*. (pp. 96-110). Porto Alegre: Letras & Vida.
- Freud, S. (1976) A questão da análise leiga. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XX. (pp.205-293). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(4), 65-71.
- Klein, M. (1986). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1952).
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Winnicott e-prints*, 1(1), 1-29.
- Menegotto, L., Lopes, R. C., & Caron, N. A. (2010). O método Bick de observação da relação mãe-bebê: aspectos clínicos. *Revista Psicologia Clínica*, 22(1), 39-55.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O Desafio do Conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- Pontalis, J-B. *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- Sanchez, M. P. (1983). *Observação de Bebês*. Rio de Janeiro: Paz Terra.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Silva, S. G. (2016). Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. *Psicologia Clínica*, 28(2), 29-54.
- Wendland, J. (2001). A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 45-56.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original de 1956).